

Património natural

Um dos valores de cada terra, freguesia, região é o seu património natural, e concretamente a sua vegetação, a que factores climáticos e outros dão por vezes características singulares. Que devem poder ser conhecidas, admiradas, preservadas, protegidas. O facto de as terras de Espinhel serem banhadas/molhadas pelas águas do Cértima e lagoa que ele forma (entre as freguesias de Espinhel, Fermentelos, Óis da Ribeira e Requeixo) é propício à existência de espécies vegetais típicas da flora aquática, nas suas zonas profunda, lacustre e húmida. Dalgumas dessas se apresentarão amostras adiante.

Almeirão – chicória, planta espontânea e cultivada em Portugal – *Chicorium intybus L.* – também conhecido por chicória-do-café, chicória-amarga, chicória-crespa, chicória-brava, chicória silvestre ou chicória selvagem. Pertence à família das Asteráceas. Contém cálcio, fósforo, ferro, sais minerais, vitaminas A, C, B (B1, B2, B3). Tem propriedades laxantes e é, segundo alguns, bom tónico estomacal. Para além de ser indicada para afecções do fígado e vesícula, apendicite, baço, inflamações da cavidade abdominal, rins...São de grande beleza as suas flores azul-violáceas, que só se mantêm abertas com o sol.

Amieiro – *Alnus glutinosa* – é uma espécie espontânea em todo o país, e cresce geralmente em locais profundos e zonas ribeirinhas. Necessita de solos inundados, profundos, normalmente pobres em calcário e ricos em nutrientes e húmus, dispondo de características que lhe permitem assegurar a respiração radicular. Por isso as galerias ripícolas que acompanham os rios e lagoa espinhelenses por numerosos amieiros. Esta espécie, cuja madeira tem uma utilidade relativa em marcenaria, tornearia e talha, tem também uma enorme importância no melhoramento dos novos povoamentos florestais pela sua capacidade de fixação do azoto. A longevidade é reduzida, não sendo fácil, em condições normais, ultrapassar um século.

Foi muitas vezes preferido pelos santeiros como matéria-prima para os seus trabalhos:

São Gonçalo de Amarante
feito de pau de amieiro,
irmão do pau dos meus socos,
criado no meu lameiro.

Codesso - Designação comum de plantas dos géneros *Adenocarpus* e *Laburnum* e da família das Leguminosas. O codesso – *Adenocarpus complicatus* – é um arbusto aromático, densamente ramificado, que pode atingir cerca de quatro metros de altura, com o ritidoma de cor clara. As folhas são alternas, trifoliadas. As flores são vistosas, amarelas, papilionáceas e dispõem-se em racimos pendentes. A floração ocorre entre os meses de Maio e Agosto. O fruto é uma vagem linear-oblonga revestida de glândulas pediculadas negras.

Apesar de algumas semelhanças, não há-de confundir-se com as giestas (da mesma família das Leguminosas), particularmente pelo tamanho da folha, como o certifica a quadra popular:

O meu amor não é aquele,
Pelo andar o conheço:
Tem o passo miudinho
Como a folha do codesso.

Espargo – *Espargus officinalis*

O espargo selvagem dá um talo ou rebento [como o que se vê na fotografia] durante os meses de Março e Abril. De nome científico *Espargus officinalis*, é muito procurado nalgumas regiões (Trás-os-Montes e Alentejo...) nesses meses para prepara petiscos, tradicionais e regionais (...).

A designação *officinalis* sugere a sua utilização para fins medicinais. De facto, os espargos são conhecidos por serem ricos em ácido fólico, responsável pela divisão das células do sistema imunitário. Também lhe é atribuído um poder diurético e depurativo. O seu consumo pode conferir à urina um cheiro característico, o que parece só acontecer com algumas pessoas.

Também – devido à configuração dos seus rebentos – lhe é atribuído algum poder afrodisíaco...

Freixo – *Fraxinus excelsior* – Árvore imponente, da família das Oleáceas, tem casca cinzento-pálida, inicialmente lisa e que, com a idade, se torna bastante gretada; as folhas, lanceoladas, são verde-escuras e muito utilizadas pelas suas propriedades curativas (diuréticas e anti-reumáticas).

Na mitologia escandinava o freixo tem o nome de **Ygdrasil** e dele se diz que sustenta o Mundo, tendo os ramos no céu, o tronco na terra e as raízes no mar...

Pelas propriedades impermeáveis, a sua madeira (branca, com raios nacarados, dura, flexível, resistente, pesada) é boa para fazer barcos e remos – e talvez por isso, desde tempos muito recuados, o freixo anda associado às divindades marinhas e era muito invocado para proteger os marinheiros. Era, na mitologia grega, a árvore de Poséidon; e era de freixo a azagaia de Aquiles.

Vive em qualquer tipo de terreno, necessitando apenas de alguma humidade e é espontâneo nas margens dos rios e nos bosques em quase todo o país, em especial nas terras de aluvião. Embora os antigos freixiais tenham sido praticamente extintos, nas margens da Pateira, do lado de Espinhel existirá o maior freixial do concelho de Águeda. E na cidade, juntinho à igreja matriz (S.ta Eulália), do lado sul, está o exemplar mais frondoso e respeitável da região, com ampla copa que acoita maternal e indiscriminadamente crentes e não crentes que por ali passam.

Giesta ou Giesteira – *Cytisus scoparius* (L.) – Nome de várias plantas arbustivas da família das Leguminosas, entre as quais se contam a giesteira-das-vassouras, a giesteira-das-sebes, as maias, etc.

Do seu nome científico respigamos o elemento latino “*scopa*” que significa vassoura.

Cytisus scoparius é um arbusto com ramos verdes e angulosos, apresentando diminutas folhas alternas e trímeras. Na parte superior dos ramos, flores solitárias amarelas, parecidas com as de ervilhas, aparecem na axila das folhas durante o Verão. O fruto é uma vagem avermelhada. Toda a planta é tóxica.

Foi no século passado que as suas virtudes medicinais começaram a ser intensivamente exploradas. Seus usos medicinais estão listados em todos herbários europeus mais antigos, sob denominação de “Planta genista” da qual a Real casa britânica de Plantagenet tirou seu nome.

As flores amarelas da planta servem de matéria-prima para fabricar um corante. Os ramos secos são utilizados para fazer vassouras (daí o nome vulgar da espécie). Planta sujeita a leis de controlo como erva daninha em alguns países.

Entre as várias espécies, encontra-se a chamada *Cytisus multiflorus*, de flor branca e mais sensível ao frio (conhecida vulgarmente por giesta-branca ou giesteira-branca).

Gilbardeira – Planta dióica cujos frutos são bagas vermelho-vivas, surgindo na mesma altura que as do azevinho. Ostenta umas características "falsas folhas", designadas por cladódios – talos foliáceos achatados com a forma de folhas. Pode ser classificada tanto na família das *Aspargaceae* como das *Ruscaceae*. E é conhecida por azevinho-espinhoso, azevinho-pequeno ou menor, erva-de-vasculho ou dos-basculhos, gibaldeira, gibardeira, gilbardeira, murta-espinhosa, pica-rato...

Quantos nomes para uma planta? E que nos contam eles? Excepto o sonante "gilbardeira", de origem desconhecida, e os seus afins, todas as designações desta planta são prontamente compreensíveis: a forma das falsas folhas tem semelhanças com as da murta; para efeitos ornamentais pode fazer as vezes do azevinho; como pico, foi usada para afastar os ratos dos alimentos pendurados; dela também faziam bom uso os talhantes para limpar os cepos onde cortavam a carne, daí o nome inglês de *butcher's broom*. Por cá faziam-se vassouras para varrer as ruas; e os vasculhos, usados para limpar chaminés.

Só falta um nome derivado do facto dos seus rebentos serem comestíveis... e outros tantos para nos elucidarem sobre as suas propriedades medicinais. Neste particular, os franceses têm pelo menos um: "plante des jambes légères".

Jacinto-de-água - é o encanto e desespero da lagoa formada pelo rio Cértima quando se espraia e atrasa, no seu caminho para o mar, entre as freguesias de Espinhel, Fermentelos, Óis da Ribeira e Requeixo – a conhecida Pateira. A beleza do verde das suas folhas, erectas, lustrosas, enroladas como as do jarro, bóia e passeia até ao exagero da epidemia na serenidade lagunar, ocultando invasivamente o espelho aquático – e pavoneando, durante alguns meses, o deslumbrante roxo-pálido da sua flor.

A praga dos jacintos – que as correntes levavam já até ao Rio Novo do Príncipe – inquietava as populações até ao tormento. E não havia quem desatasse aquele nó górdio. Até que a espada de Alexandre, dito de outro modo, a "gilceifeira", veio cortar o vencilho, solucionar o impossível. Quem chamará magna a esta espada como a História chamou à de Alexandre?

Loureiro – *Laurus nobilis* – Da família das Laureáceas, é uma árvore aromática de 5 a 10 m de altura e de folha persistente. Tanto a madeira como a folha têm um cheiro muito característico, empregando-se esta última como condimento. Abunda sobretudo nas zonas mais lentas ou frescas.

Conhecido desde a Antiguidade, como esclarece o nome *loureiro de Apolo*, que também o designa. É muito cultivado para ornamentação e pela utilização culinária. É uma planta dióica (com flores masculinas e femininas em pés separados; o fruto é uma pequena baga ovóide, negro-violácea e nua. É uma planta extremamente tóxica que em nenhum caso pode comer-se.

E o símbolo do deus Apolo, é a sua árvore (metamorfose da sua amada Dafne), que ele consagrou aos triunfos, ao canto e à poesia.

Gregos e Romanos distinguiam poetas e heróis com coroas de louros. Distinção que na Idade Média honrava os sábios das universidades: nas escolas de medicina, por exemplo, a coroa posta na cabeça dos jovens "físicos" era feita de ramos folhosos de louro com bagas; e essa baga do louro, dita *bacca laurea* em latim, deu o nome ao título académico "bacharelato" ("baccalauréat", em francês).

O loureiro permanece como o símbolo da paz.

A **madressilva** (da espécie *Lonicera periclymenum*, da família das Caprifoliáceas), também conhecida por chuchamel, é um arbusto ou liana, trepadeira de folhas caducas ou persistentes, com bonitas flores branco-amareladas ou creme, com odor doce e agradável, dispostas em pares laterais ou em inflorescências terminais. Os seus frutos são bagas (tóxicas).

São conhecidas cerca de 180 espécies nas regiões temperadas do hemisfério norte e nas regiões subtropicais. O oídio e o pulgão são os seus inimigos maiores.

Dado o seu comprimento e aspecto enriçado, a sua expansão pode ser problemática, precisando para esse efeito dum suporte (parede, grade, árvore de ramos baixos, etc), onde possam estender todo o seu vigor.

As flores são hermafroditas, zigomorfas, pentâmeras, de coloração creme ou branco-amareladas, com odor doce e agradável. Os seus frutos são bagas de coloração vermelha. A polinização é feita por abelhas e traças. É usada pelas borboletas para pôr seus ovos.

A madressilva é muitas vezes usada para formar sebes decorativas. Para além da beleza da cor, o seu atractivo principal é o seu perfume, exalado sobretudo de noite, período em que atrai as borboletas nocturnas, especializadas na fecundação desta espécie.

Menta aquática ou hortelã-d'água— (*Mentha aquatica*) é uma planta herbácea, vivaz, do género *Mentha*, da família das Labiadas, comum em toda a Europa (excepto no extremo Norte), que pode ultrapassar os normais 80 cm se for 'puxada' por vegetação mais alta.

Floresce no Verão (flores rosa-lilás) e distingue-se pela sua fresca fragrância a menta. As folhas verdes podem colorir-se de epúrpura.

É de propagação fácil, ora pela ajuda que os insectos dão na polinização, ora pela separação das raízes.

Como o nome sugere, vive em meios aquáticos (húmidos ou lacustres) — mesmo quando cresce na água, consegue emergir.

Murta ou **Murteira** — *Myrtus communis* L. — Pequeno arbusto da família das Mirtáceas, de folha persistente, denso e muito ramoso. As folhas, duras e reluzentes, têm forma oval e lanceolada e são muito aromáticas (cheiro apimentado) ao serem esmagadas; as flores são brancas, fragrantas e com numerosos estames; são azul-escuras as bagas (de sabor áspero e resinoso) que constituem o seu fruto. Tem utilização culinária (licor 'arribadino'), cosmética, medicinal (anticatarral e anti-séptica) e ornamental. É uma planta famosa desde a Antiguidade, onde simbolizava o amor, a beleza (era consagrada a Vénus) e a glória — por isso se entretencia em coroas com que se honravam os campeões.

O **negrilho** — *Ulmus* sp. — Árvore da família das Ulmáceas, é também designada ulmeiro ou olmo, lumigueiro e lamigueiro; é uma espécie caducifólia que prefere solos ricos e frescos. Pode atingir 30 m e viver mais de 300 anos, se entretanto não for atacado por pragas ou pela **grafitose**, doença que nas últimas décadas tem dizimado epidemicamente o parque ibérico. A recuperação nos campos transmontanos é ilusória porque, embora rebente facilmente, logo vem a definhar antes de atingir meia dúzia de metros. A madeira desta árvore foi muito apreciada para fins decorativos e utilizada em marcenaria, ferramentas agrícolas e artigos de desporto. As folhas das árvores eram muito utilizadas para alimentação do gado, sobretudo suíno, quando as forragens faltavam — na década de 60, os garotos ganhavam «cinco tostões» por riparem 'um saco de folha' para os recos...

Ficou célebre o exemplar existente em Eiró, da freguesia de S. Martinho de Anta, terra natal de Miguel Torga (dizia-se que teria mais de 400 anos; era imponente pelo seu porte: alto, frondoso, a sua copa cobria toda a praça central de Eiró e avançava mesmo sobre os telhados contíguos) — e que inspirou o poema torguiano *A um Negrilho*

Norça-branca – *Bryonia dioica* – planta herbácea, vivaz, dicotiledónea, de caule longo, gavinhosa, da família das Cucurbitáceas, também conhecida por briónia, briónia-branca, erva-cobra, nabo-do-diabo, vide-branca...

Os seus vistosos cachos de bagas, avermelhadas quando maduras, são muito tóxicos, venenosos, como o é a sua raiz. No entanto, os talos mais tenros são comestíveis – e pelo mês de Abril, em Trás-os-Montes, há procissões de fás que peregrinam de monte em monte, ansiosos por colherem uma mão-cheia dos ditos e com eles prepararem delicioso petisco...

Esta planta trepadeira (ou rastejante), auxiliada pelas suas longas e pilosas gavinhas, opostas às folhas e fortemente espiraladas, pode trepar até 6 m.

Pirliteiro – Este discreto arbusto (*Crataegus oxyacantha* L. / *Crataegus monogyna*) não passa despercebido quer pela sua longevidade (pode atingir os 500 anos), quer pelos seus espinhos e bagas e sobretudo pela sua madeira extremamente dura, fina e de beleza ímpar – dessa madeira dura como o ferro se faziam antigamente os cepos dos suplícios.

Foram encontrados vestígios de caroços, em ruínas de cidades remotas, comprovando que na Pré-História era usado como alimento. Os frutos vermelhos do pirliteiro são, desde há muito tempo, utilizados pelas suas aplicações diuréticas e adstringentes. São-lhe atribuídas qualidades cardiotónicas, vasodilatadoras, relaxantes, antioxidantes, adstringentes, antiespasmódias, diuréticas, febrífugas, hipotensoras...

Porque rabuja então a quadra popular, depreciando, desatenta ou despeitada, tanto valor?

«Pirliteiro, dás pilritos
Porque não dás coisa boa?
Cada qual dá o que tem
Conforme a sua pessoa.»

Polígono-anfíbio – A persicária é um género de planta herbácea, da família da Poligonáceas, que cresce em estado selvagem, em lugares húmidos ou mesmo lacustres.

A etimologia grega deste género (*Polygonum*) esclarece-nos sobre a sua morfologia. Poly (vários) e Gonu (joelhos) designam as numerosas articulações que figuram nesta família.

Roseira-brava – A *Rosa sect. Caninae* é uma das onze secções do subgrupo *Eurosa*. É também conhecida por silva-macha, rosa-canina, rosa-mosquete, rosa-silvestre. As suas longas hastes, ora direitas ora ondulantes, são cobertas de picos recurvados. As flores (brancas, rosa ou rosadas), geralmente com cinco sépalas lobadas, chegam a ter um intenso perfume, doce e incomum.

Salgueirinha – *Lythrum salicaria* – erva da família das Litráceas, com folhas ovadolanceoladas, flores violáceas e frutos capsulares, nativa de regiões temperadas do hemisfério norte e da Austrália, ora cultivada com fins ornamentais, ora (mais frequentemente) espontânea nalgumas zonas húmidas e/ou alagadiças (como, por vezes, em ilhotas no meio de rios). A origem grega e latina do nome científico remete para a cor "sanguínea" da flor e para semelhança entre a folha da salgueirinha e a do salgueiro.

O **salgueiro** (*Salix sp.*) , da família das Salicáceas, integra as matas ribeirinhas que acompanham as linhas de água. É uma árvore caducifólica, de muito rápido crescimento, de que se conhecem três espécies principais: o **vimeiro** (*Salix viminalis, L.*), de folhagem verde-clara, que fornece o vime para a cestaria e proporciona, nos seus troncos parcialmente ocos, o espaço vital a muitas espécies animais (mocho, morcego...); o salgueiro-preto (*Salix cinerea*); o **salgueiro-branco** (*Salix alba, L.*), de folhagem mais acinzentada, e de grandes dimensões – da casca deste, que contém salicina, se produzia a aspirina (hoje sintética).

Salsaparrilha – *Smilax aspera L.* – Planta da família das Liliáceas (várias espécies), espontânea e cultivada com fins ornamentais, estendendo-se e trepando auxiliada pelos bicos das suas folhas e caules e pelas suas gavinhas. Para além da raiz, que é depurativa e sudorípara, tem genericamente grandes indicações medicinais (para combater reumatismo, males de pele, gripe, anorexia, gota) e muitos acreditam nas suas virtudes fortificantes e afrodisíacas.

E ainda conhecida por ser o prato favorito dos Schtroumpfs.

Sanguinho ou **Amieiro-negro** (*Frangula alnus Mill.*)

O sanguinho ou amieiro-negro agrupa-se em formações pouco densas nas matas húmidas e próximo de pântanos. Deve à fragilidade dos ramos o nome do género (do latim *frangere*, partir). É um arbusto fácil de reconhecer pelas suas folhas ovaladas, marcadas na página inferior por 8 a 12 pares de nervuras salientes e paralelas, e pelos seus frutos vermelhos, bagas do tamanho de ervilhas, que na maturação se tornam negros. É recomendada desde o séc. XVI a utilização da segunda casca interior, seca, reduzida a pó e tamisada, pela sua acção laxativa.

Sargaço – *Cistus salvifolius* – Deste pequeno arbusto se dirá, rápida imprecisamente, que é uma esteva mais pequena. É da família das Cistáceas e pode atingir 1 metro de altura. Tem folhas simples, elípticas, opostas, encrespadas, com pêlos estrelados. As flores são hermafroditas, geralmente solitárias, de pétalas brancas, rapidamente caducas. O fruto é uma cápsula com 5 lóculos deiscentes.

Dá-se em solos secos e soalheiros, capaz de povoar regiões semi-áridas. Floresce por Maio - Junho.

Na raiz dos sargaços é frequente “agarrarem-se” pequenas plantas parasitas – as **pútegas** – que assim vivem dos nutrientes que retiram das suas raízes. Delas fala sabiamente Aquilino Ribeiro:

“Beltrasanas, instruído nas produções da pródiga natureza, pôs-se à busca de pútegas, que se estava na sazão. Esta planta é a parasita dos sargaços, consistindo a sua frutescência em gomos leitosos, ordenados em pinha, dum vermelho de ananás maduro, emergindo da terra o que basta para se dar a perceber a sua coroa radiosa. Os pastores espremem-nos entre as polpas dos dedos e com regalo lhes chupam a massa tenra, levemente acidulada. Com o fruto desta planta e de panaqueijas que, em despeito da haste fina, delicada como alfinetes, deitam tubérculos brancos, maiores que ovos de tanjasno...” (In S. Banaboião)

Urze – *Erica sp.*

Urze é o nome comum de diversas plantas da família das Ericáceas, espontâneas em terrenos pobres em cal e com flores de cores diversas.

A urze (ou urgueira, queiró, queiroga, quiroga, torga, chamiça) é um arbusto rasteiro, de caule lenhoso e sinuoso, mas que, consoante as variedades, pode atingir mais de 1m de altura e cujo porte é arbustivo e cujas flores apresentam tonalidade rosa, arroxeadas ou brancas. Floresce de Julho a Outubro.

Aparece um pouco por toda a Europa. Prefere terras áridas e incultas, com pouco calcário. Serve de repasto às abelhas de onde extraem um delicioso mel e, das suas raízes, fabricam-se belos cachimbos.

Na zona serrana, era conhecida por moita, moiteira ou mato; e dessas moiteiras se faziam as vassoiras com que se varriam as casas, os pátios, as eiras...

Uma das suas variedades, a urze-branca – *Erica arborea* – pode atingir 3 m de altura.

Eleutério Santos